

# Mal sem remédio

RAUL PILLA

**O**UÇAMOS o jornalista. Depois de referir-se à reforma ministerial e à sua inutilidade, assim conclui êle um artigo há duas semanas publicado:

«Voltando-se sôbre si mesmo para se repetir na incompetência, o chefe da Nação devia saber que êrros não resgatam êrros. O país necessita sair do pântano de corrupção e desonestidade em que se afunda. Precisa de um govêrno que não vacile em sacrificar-se para salvar-lhe a honra. A venalidade impune é um crime; a venalidade aproveitada é um exemplo. O país está vendo com meridiana clareza onde está o grande responsável por sua desgraça».

Em artigo de há dois dias, volta o jornalista ao tema e o remata da seguinte forma:

«O novo ministério do sr. Getúlio Vargas não dá o sinal para uma reforma de costumes políticos que tranquilize o país e atraia sua confiança. Por enquanto soubemos que, no sentir dos novos governantes, a situação do Brasil deve melhorar porque não tem por onde piorar. Eis aí uma sentença lamentável que devia ser o epítáfio de um govêrno — quer dizer, do govêrno que ainda está aí, que se prolonga e não acabou».

Não é duvidoso o pensamento do eminente sr. Macedo Soares. O govêrno que temos deveria acabar, mas, para desgraça do país, não acabou, nem acabará tão cêdo. Viveu dois anos e meio e viverá necessariamente outros dois anos e meio. E' do sistema. Por êle, quem govêrna é o presidente da República e, pela atual Constituição, o seu mandato é de cinco anos. Como quer o jornalista acabe êste govêrno, que inscreve o seu epítáfio no momento mesmo em que pretende renovar-se? Outro meio suave não vejo, senão a descida da graça divina sôbre o presidente da República: seria preciso que êle pudesse compreender o que, menos do que qualquer outra pessoa, está apto a compreender. E, quando se realizasse o milagre da compreensão, estaria a renúncia isenta de perigos?

Em resumo, o sr. Macedo Soares não crê que êste govêrno possa governar e desejaria vê-lo substituído; como, porém, substituí-lo antes do tempo, se o sistema presidencial tão encarniçadamente defendido pelo jornalista não o permite? Esta é a contradição dos presidencialistas, que não desejam a continuação disso que aí está e, todavia, não se decidem a abandonar o sistema.

Quando outras e grandes vantagens não apresentasse, teria o sistema parlamentar a preciosíssima vantagem de substituir logo os maus govêrnos e não lhes dar tempo de afundar o país. O presidencial, porém, outro recurso não nos deixa, senão encomendarmo-nos à Divina Misericórdia.